

A IMAGEM DA VULVA COMO EMPODERAMENTO FEMININO

KATIANE FERREIRA¹; NÁDIA SENNA²;

¹UFPEl – katianel.f.dasilva@gmail.com

²UFPEl – alecrins@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado ao grupo de pesquisa “Caixa de Pandora: estudos em arte, gênero e memória (CNPq, UFPEL, Centro de Artes), com interesse nas trajetórias e processos criativos desenvolvidos pelas mulheres artistas. O trabalho tem por objetivo contextualizar a história do corpo feminino, apontando a percepção artística da própria mulher sobre si mesma para resgatar e promover a autoestima. O foco recai sobre as visualidades construídas em torno da vulva, que ganham destaque a partir da segunda metade do século XX, pelo ativismo das artistas ligadas ao movimento feminista nas artes. A reflexão parte de um interesse pessoal, motivada pelos estudos realizados junto a disciplinas do Curso de Licenciatura em Artes Visuais: Arte e Gênero e Ateliê de Desenho II, quando conheci o trabalho da artista Panmela Castro. Seu relato sobre o trabalho presente no livro *Explosão Feminista* de Heloisa Buarque de Holanda (2019), me instigou a pesquisar mais sobre ela e o tema. Apresento também, uma artista alemã Hilde Atalanta, que fez uma galeria de vulvas, na rede social Instagram, com o intuito de empoderar as mulheres no reconhecimento e aceitação de sua parte íntima, para que elas reconsiderem sobre os procedimentos cirúrgicos. Procuro com esta pesquisa enfatizar o ativismo das artistas contemporâneas, e identificar o interesse atual das mulheres em realizar modificações íntimas, por causa do crescente número de cirurgias íntimas sendo feitas no Brasil, porque se tem uma repressão enorme quando se trata do tema, sua representação, incluindo a forma como nomeamos nossa região íntima.

2. METODOLOGIA

A abordagem metodológica é transdisciplinar compreendendo a arte, processos e história, os estudos de gênero e a cultura. Na linha dos estudos de gênero trago os conceitos de Teresa de Lauretis (2019), no texto “Tecnologias de Gênero”, onde ela aborda como a representação de gênero acontece no nosso cotidiano através das mídias. Sobre a contextualização do corpo na cultura ocidental trago a historiadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna, especificamente, no texto, “Descobrimos o corpo: uma história sem fim” (2000), que explica como o corpo é visto e tratado com o passar dos anos. Sobre a representação da vulva na arte me apoio no livro “Historias de mujeres, historias del arte” (2017) da historiadora Patricia Mayayo, para explicar a importância da pioneira Judy Chicago ao propor a Iconologia da vagina e apresento a obra *Dinner Party* (1974). As artistas contemporâneas são apresentadas a partir dos relatos encontrados em seus perfis na Internet e nos depoimentos concedidos em publicações de arte e gênero.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpo é construção cultural, sobre nosso corpo incidem uma série de conceitos e regramentos que acabam por instaurar modos de ser, ver e atuar. De modo geral quanto mais tradicional e rígida é uma sociedade, maiores serão as imposições sobre comportamentos, gestualidades, vestimentas e performatividades. Denise Bernuzzi de Sant'Anna em "Descobrimdo o corpo: uma história sem fim" aborda e constrói uma linha de tempo em torno das mudanças quanto a percepção e noção do corpo no ocidente, destacando que na segunda metade do século XX, acontece o movimento em prol da libertação do corpo colocando na pauta a saúde e a beleza:

Valorizava-se o corpo cada vez mais amplamente, como se ele tivesse sido descoberto pela primeira vez e se tornasse tão importante como outrora havia sido a alma. Em meio às influências da contracultura e da expansão da sociedade de consumo, o corpo tornou-se um tema cada vez mais presente: era preciso assumi-lo e redimi-lo, reconquistá-lo, conhecê-lo e liberá-lo. Descobriu-se que o corpo expressava a marca de seus fantasmas inconscientes, recolhia traumas e abrigava repressões que deveriam ser tratadas cotidianamente. (SANT'ANNA, 2000, p.51)

Esse movimento coincide com a expansão da sociedade de consumo, com o desenvolvimento da indústria cultural e das mídias, como cinema e televisão, colaborando na propagação de valores hegemônicos para a sociedade. Vemos predominar representações de mulheres, que reforçam um tipo único de beleza, fazendo com que as mulheres comprem esse ideal, inatingível, do que é ser mulher. E, isso vai desencadear a proliferação de produtos e processos como, implantes e cirurgias que vão ganhar o cotidiano, segundo uma ordem crescente, onde a internet tem um papel essencial na divulgação de estereótipos femininos. Se vende então, a mensagem de que a mulher pode ser quem deseja, usando então as novidades tecnológicas ao seu favor. Para pensar esse ideal de mulher e as tecnologias através das mídias, trago a pensadora teórica do cinema e feminista Teresa de Lauretis:

[...]Para isso, pode-se começar a pensar o gênero a partir de uma visão teórica Foucaultiana, que vê a sexualidade como uma " tecnologia sexual"; dessa forma, propor-se-ia que também o gênero, como representação e como autorrepresentação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana (LAURETIS, Teresa, 1987, pg.126).

Lauretis, traz no texto o pensamento de Foucault, que pensa o gênero como uma tecnologia que remete a um conhecimento que transforma a nossa realidade, sendo assim, as tecnologias de gênero formam esse conjunto de produções culturais presentes no nosso cotidiano. A pesquisadora explica como o gênero é construído a partir de representações midiáticas e exemplifica com obras cinematográficas. Essa representação e autorrepresentação funciona como um espelho, que reflete para os consumidores um ideal, e é algo que faz parte do cotidiano.

Com o crescimento do consumo e a extensão das mídias, a pornografia também cresce principalmente depois do advento da Internet, e com ela o número de cirurgias íntimas para mulheres com a promessa de uma vida conjugal melhor, com o intuito de agradar o parceiro e a si mesma. As cirurgias íntimas, também chamadas Ninfoplastias, são realizadas para a diminuição da vulva, ou lábios

vaginais. O procedimento deve ser entendido como um reflexo de independência e poder de decisão das mulheres sobre o corpo. Contudo, o bem estar assegurado na maioria das vezes não é alcançado, e novos discursos e necessidades vão sendo projetadas. Na contramão do pensamento repressor, do padrão único de beleza, destaco as contribuições do movimento feminista com sua luta em prol dos direitos humanos, por maior igualdade e respeito para com todos, todas e todes que não se enquadram nos limites impostos. São essas conquistas que de fato contribuem para o bem estar e saúde da sociedade em sentido ampliado.

Reconheço a importância das bandeiras levantadas pelas ativistas da segunda onda do feminismo, com destaque para a apropriação do próprio corpo, que será levado para a arte, como suporte, representação e autorrepresentação para instaurar outras percepções, a partir de um olhar íntimo e político. Revisito a obra da artista Judy Chicago, pioneira ao propor representações de vulva na arte, nos anos 1970, como professora na Universidade da Califórnia inaugura com suas alunas um movimento que denominou Iconologia da Vagina. Um ícone da arte feminista é a obra *Dinner Party* (1974/1979), uma instalação, que Chicago construiu no coletivo, com uma mesa em formato triangular, com 39 lugares reservados as mulheres da nossa história, como Artemisia Gentileschi, Virginia Woolf, Emily Dickinson, entre outras. Também sobre os ladrilhos, onde a mesa está assentada, outros 1000 nomes femininos são lembrados. A exaltação ao feminino aparece em todos os detalhes, inclusive ao trabalho em cerâmica, bordado, tapeçaria que valoriza esses fazeres, e aqui ganham a forma de vulvas. Segundo Mayayo, Chicago tinha como objetivo reescrever a história de um ponto de vista feminino, para que se pudesse resgatar a história de mulheres que foram silenciadas pela cultura patriarcal. Na época a obra da artista foi alvo de muita repressão por políticos conservadores, alegando que a obra era pornográfica.

No ano de 2017 a artista brasileira Panmela Castro, também sofreu fortes ataques pela obra chamada *Flor-Vagina* (2017). A obra foi criticada por um vereador de Sorocaba, SP, a repercussão fez com que a obra fosse coberta por tinta cinza. A artista dá um depoimento esclarecedor para Heloísa Buarque de Hollanda, no livro *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*:

[...] Quando a mulher propõe características que não são consideradas próprias delas, há um estranhamento, rejeição e, em muitos casos, a violência, como no linchamento virtual do grafite do Palacete Scarpa. Enquanto desde pequenos os meninos são encorajados a exibir o pinto mijando na rua ou mostrando o quanto cresceu para suas tias, percebendo-o como sua ferramenta de orgulho e poder, nós, meninas, somos alvos de críticas, obrigando-nos a nos esconder fechando as pernas, deixando de nos tocar e nos fazendo sentir envergonhadas de nossa parte que sequer pode ser falada: a buceta. (pg, 83).

A artista enfatiza a importância de sua obra para fazer uma cidade inteira refletir sobre a presença da mulher, sobre as dificuldades e violências sofridas. Sobretudo para as próprias mulheres perceberem que não tem nada de errado com seus corpos, suas genitálias.

4. Conclusões

O estudo desenvolvido permitiu detectar o quanto as tecnologias de gênero são eficazes em construir um discurso que nos embota, que impede outros modos de

nos vermos e nos respeitarmos. É problemático perceber o quanto a grande maioria das mulheres, em pleno século XXI, desconhece sua própria intimidade, ficando refém de um modelo de vulva ideal a partir do que é visto nos meios midiáticos e na pornografia. Quando as mulheres veem uma vulva representada de forma natural, tem um estranhamento, pois a imagem não é a do ideal pornograficamente criado.

O Brasil é o país que mais faz cirurgias plásticas íntimas em mulheres no mundo, segundo dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica e Estética (ISAPS). Em 2016, foram 25 mil procedimentos. O segundo colocado da lista, os Estados Unidos, fizeram quase metade, 13 mil. No mesmo ano, no mundo todo, um total de 138 mil mulheres reduziram o tamanho dos seus lábios internos e 55 mil “rejuvenesceram” suas vulvas – procedimento a laser que diminui a flacidez da pele e deixa o canal mais apertado (BERTHO, Helena, 2018).

Neste caso vemos que falar e veicular imagens de vulvas, não é aceito por uma parte da sociedade, continua sendo um tabu, em contrapartida temos um grande número de cirurgias plásticas íntimas sendo feitas com intuito de promover a autoestima. O paradoxo reside sobre o tabu que se mantém em torno da vulva como poder da mulher, porém é aceitável socialmente que as meninas se sujeitem a cirurgias íntimas, por não gostarem das formas diferentes do padrão.

A fim de quebrar esse tabu, temos um número significativo de mulheres artistas que trazem o corpo feminino empoderado, a partir de imagens que exaltam o feminino, com imagens de vulvas diferenciadas, enaltecendo a beleza da anatomia feminina. The Vulva Gallery, foi criado em 2016 por Hilde Atalanta, uma ilustradora de Amsterdã, com intuito poético e educacional, de mostrar ilustrações de vários tipos de vulvas e propor encontros e diálogos sobre a anatomia das nossas genitálias. As pinturas e desenhos desse Instagram mostram uma diversidade de vulvas e cores. As ilustrações do Instagram e outras redes sociais tem acesso aberto permitindo que todas, todos e todes possam vivenciar essa experiência estética, sentir, aprender e se comover com a beleza do diferente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Hollanda, Heloísa Buarque. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. Editora Companhia das Letras, 2018. p. 82-83.

Atalanta, Hilde. **The vulva Gallery**. Amsterdã. Disponível em <https://www.thevulgagallery.com/about>. Acesso em Dezembro/2019.

Bertho, Helena. **Por que tantas mulheres odeiam suas bucetas?**. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/por-que-tantas-mulheres-odeiam-suas-buceta-s/>. 2018 .Acesso em Dezembro/2019.

LAURETIS, Teresa. **A tecnologia de gênero**. Pensamento feminista: conceitos fundamentais, Rio de Janeiro, Editora Bazar do tempo, 473p. 2019.